

Figuras da Dança
EVA SCHUL



SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA



Eva Schul: Uma vida para reinventar a dança moderna e contemporânea

Desejar lembrar não é um ato inocente, como destaca o filósofo francês Michel Bernard¹. Trata-se, antes de tudo, de submeter nossas experiências passadas ao poder de seleção, de reorganização e de transformação e, conseqüentemente, ao poder de embelezamento ou de depreciação que reconstrói e forja um passado à sua imagem. No entanto, é também crer e fazer crer que essas experiências passadas existem por si mesmas, que há uma realidade em si dos fatos assim conservados, digna de ser lembrada e reconhecida. O desejo não somente predetermina a lembrança evocada, mas também lhe confere uma materialidade que ele – o desejo – pretende corroborar, garantir e confirmar por meio do discurso que narra essa lembrança. Para Bernard, é o discurso o que chancela a memória. Nas suas palavras: “A memória é o produto e a invenção da encenação linguística operada por nosso desejo e por nosso imaginário”.²

Reescrever a trajetória e a obra de Eva Schul, tingidas pelo ofício da sua dança, ao sabor dos meus desejos de memória é o objetivo deste texto. E, assim como não se dança só – pois há sempre um outro, real ou imaginário na nossa dança –, assim também não se rememora só. Evocamos aqui, portanto, as memórias da própria Eva e de outros tantos bailarinos e artistas que colaboraram com ela, para reinventarmos nossas histórias. E, com isso, um pouco das histórias da dança no Brasil.

1. Michel Bernard, *De la création chorégraphique* (Pantin: Centre national de la danse, 2001).

2. Id., *ibid.*, p. 218.

Nascida em 1948, num campo italiano de refugiados da Segunda Guerra Mundial, Eva Schul chega ao Brasil com os pais em 1956, entrando no Rio Grande do Sul pelo Uruguai. Seus pais Melinda Weiss Hirsch de Schul e Nicolas Schul Filip (1923-2000), judeus húngaros, conseguiram sobreviver ao nazismo. Eles se apaixonaram, casaram-se e fugiram para a Itália, onde Eva nasceu. Por conta dessa situação, Eva era apátrida. Não tinha cidadania húngara, nem italiana, nem uruguaia. Ao atingir a maioridade, opta pela cidadania brasileira.

Em Porto Alegre, onde a família se estabelece definitivamente em 1956, Eva inicia sua formação em balé, na escola de Maria Júlia da Rocha (1956-1964). Em 1960, participa do 1º Congresso Nacional de Dança em Curitiba, onde conhece a dança moderna. Desse primeiro contato, surge a curiosidade por outros estilos. No entanto, o balé continua a ser seu lugar/topo preferido. Em 1964, viaja para Nova York para um estágio no New York City Ballet. Ao retornar, continua a estudar balé com Tony Petzhold (1914-2000) e ingressa no curso de artes plásticas do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Um ano antes de se formar, abandona o curso e o balé e cria, com um grupo de amigos, uma comunidade rural autossustentável no interior gaúcho. A experiência não dura muito tempo, mas mostra que Eva vive intensamente suas utopias, entregando-se àquilo em que acredita e entusiasmando os que estão ao redor.

No início dos anos 1970, retoma seu interesse pela dança, aquela dança moderna que tinha vislumbrado no Congresso Nacional de Dança em Curitiba. Decidida a compreender essa nova forma de dançar, viaja para o Uruguai e a Argentina. Em

Montevidéo, estuda dança moderna, com Elsa Vallarino, e os princípios da análise do movimento de Rudolf Laban (1879-1958), com Hebe Rosa. Na Argentina, conhece a técnica de Martha Graham (1894-1991) graças às aulas de Renate Schottelius (1921-1998) e Ana Itelmann (1927-1989).

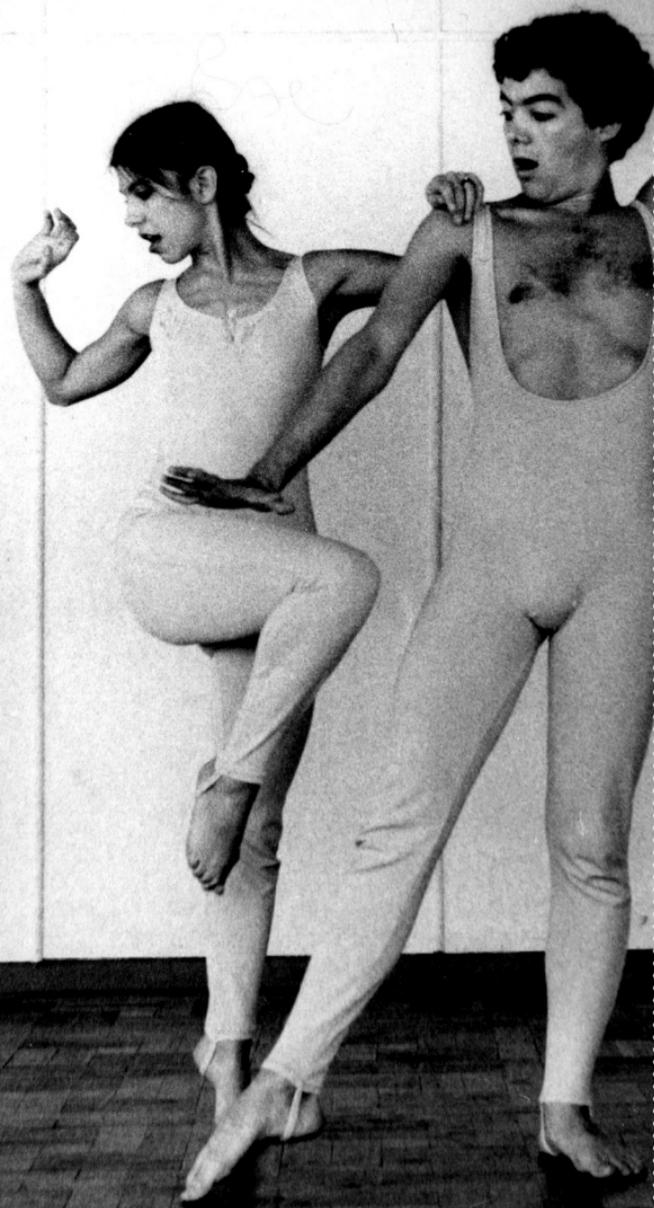
É preciso compreender que, na primeira metade do século XX, época de instauração da dança cênica em Porto Alegre, as referências modernas e clássicas se embaralhavam e as escolas de bailados de Lya Bastian Meyer e Tony Petzhold se afirmavam tendo como base o ensino do balé, sublinhando a primazia dessa técnica para a formação de bailarinos, mas apresentando coreografias com certa influência expressionista. No entanto, a partir de 1960, surgem novas escolas de balé. Até meados da década de 1970, no cenário da dança em Porto Alegre, predominaram essas escolas e seus espetáculos de fim de ano. É somente a partir da criação do Espaço e do Grupo Mudança por Eva Schul, em 1976, que se pode identificar uma preocupação em ensinar dança de outras matrizes técnicas que não o balé. Disso resultam abordagens mais contemporâneas do corpo e da dança.

Em 1975, Eva assiste ao espetáculo do Nikolais Dance Theatre em Porto Alegre e conhece Alwin Nikolais (1910-1993), que a incentiva a seguir para Nova York. A partir de então, passa longas temporadas naquela cidade, estudando com Nikolais e, principalmente, com Hanya Holm (1893-1992). Hanya, bailarina e assistente de Mary Wigman (1886-1973), havia deixado a Alemanha em 1931 e se estabelecido nos Estados Unidos, onde desenvolveu um trabalho próprio, estruturando uma técnica em que a descentralização e a não hierarquia entre o corpo e suas



partes vêm da premissa de que o fluxo do movimento coordena-se com o fluxo da vida. Nos estúdios de Nikolais e em outros lugares em Nova York, Eva estuda também improvisação e composição coreográfica, conscientização do movimento e o sistema Laban/Bartenieff. Impregna-se da efervescência desse período, acompanhando o desenvolvimento da dança pós-moderna em *happenings* e eventos como os realizados pelo grupo informal conhecido por Judson Church.

Num de seus retornos a Porto Alegre em 1976, Eva cria o Espaço e o Grupo Mudança. Dizendo-se insatisfeita com as práticas coreográficas que não permitem o desenvolvimento de uma expressão própria, nem de um diálogo direto com a plateia, desenvolve estratégias para permitir que o corpo protagonize livremente esse diálogo. O Espaço Mudança oferecia a possibilidade de experimentação em diferentes tipos de expressão: palestras, espetáculos, performances, exposições de artes visuais aconteciam no local. É nesse ambiente, em colaboração com outros artistas, como os músicos Toneco da Costa e Carlinhos Hartlieb (1947-1984), que ela cria, em 1977, *Um Berro Gaúcho*. A coreografia parte do mito de Sepé Tiaraju para falar de uma identidade regional vinculada a uma perspectiva urbana, pop, com ecos da contracultura. De certo modo, *Um Berro Gaúcho* traz influências tanto das situações vividas na comunidade alternativa do interior do Rio Grande do Sul quanto das experiências radicais de Nova York. Na época, o Grupo Mudança organiza-se quase como comunidade utópica, vivendo intensamente os tempos psicodélicos e criativos dos anos 1970. Nesse ambiente, *Um Berro Gaúcho* resultou de laboratórios de criação coletiva, nos quais foram gerados a música, a coreografia, os figurinos, os



materiais de divulgação e os modos de produção e de viabilização do espetáculo. O todo era orquestrado por Eva. Ainda com o Grupo Mudança, cria *Metamorfose* (1978) e *Alice* (1979), com música especialmente composta por Celso Loureiro Chaves.

Em 1978, Eva é convidada a colaborar, como preparadora corporal, da montagem de *Os Saltimbancos*, em Curitiba. No ano seguinte, é convidada também a ministrar uma oficina para atores do Teatro Guaíra, na mesma cidade. É então chamada para dar aulas de dança moderna ao Balé Teatro Guaíra. Essa companhia, fundada em 1969 e essencialmente clássica, passará por um momento de renovação. Eva deverá preparar os bailarinos para propostas mais contemporâneas, trazidas pelo novo diretor, Marcelo Machioro.

Em 1980, começa a ensinar na Escola de Dança e no Curso Livre de Teatro, ambos pertencentes ao Teatro Guaíra. Em 1984, integra o grupo de professores que cria os cursos superiores de dança e teatro da Fundação Teatro Guaíra (FTG), em convênio com a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR). Ministra as disciplinas dança moderna; expressão corporal; terminologia da dança; improvisação e composição; e metodologia do ensino.

Em paralelo, torna-se diretora e coreógrafa do Grupo de Dança da FTG/PUC. É quando surge a necessidade de sistematizar seus conhecimentos e sua organização em princípios pedagógicos. Refletindo sobre aquela década, Eva compara sua trajetória à de Hanya Holm. Assim como a alemã que precisou reinventar sua dança adaptando-a à cultura estadunidense, Eva teve a necessidade de recriar os princípios técnicos e pedagógicos assimilados nos Estados Unidos à maneira de se mover, pensar e viver no sul do Brasil. Aos poucos, a dança de Eva vai se tornando cada vez mais sul-brasileira e cada vez mais sua.





Em Curitiba, sua produção coreográfica se multiplica: *Cantiga Para Ninar Gente Grande* (1984), *Ecos do Silêncio* (1983), *Reflexos do Espelho* (1985), *Jungle* (1986), *Hall of Mirrors* (1986), *Pantanal* (1987), *Tiro Liro Livre* (1988) e *Reflexos* (1989), entre outras. Eva também trabalha em Florianópolis, onde cria *Mater Filis* (1990), para o grupo Ballet Desterro, e *Canções* (1991), para o Álea Grupo de Danças. Embora essas coreografias apresentem temas diversos, podemos dizer que elas têm como mote a abordagem das relações humanas na sociedade contemporânea, permeadas pelos encontros e desencontros e pelas dificuldades de comunicação. É importante notar que, nessa fase, Eva trabalha ou com bailarinos profissionais, de formação clássica, ou com bailarinos em formação, que já possuem alguma base em dança clássica e estão assimilando os princípios da dança moderna com a própria Eva. Dessa maneira, a matéria-prima para a composição de suas coreografias é bastante diferente daquela do Grupo Mudança. Se por um lado Eva não consegue investir intensamente nos processos coletivos de criação como na época do Grupo Mudança, por outro as condições para produção e difusão de seu trabalho são bem mais favoráveis em Curitiba.

Nesse contexto, Eva cria coreografias que impactam a cena brasileira. Uma das mais expressivas daquele momento é *Hall of Mirrors*, baseada na letra da música homônima do Kraftwerk, grupo musical alemão que foi fundado em 1970 e inventou um estilo de música techno tocada inteiramente por meio de sintetizadores. *Hall of Mirrors* é concebida como representação de um jogo de espelhos, apresentando uma pessoa que se move só, mas que assiste à sua própria fragmentação em múltiplas imagens.



A coreografia é dançada por sete bailarinos, vestindo calças sociais, camisas brancas e gravatas pretas. Cada bailarino manipula uma estrutura feita de tubos de PVC que remete a um espelho e que responde, com seus movimentos, aos movimentos do solista. A coreografia traz referências do trabalho de Alwin Nikolais, principalmente em função da música, da utilização do espaço e do desenho de luz. O jogo de espelhos imaginários é potente na criação de efeitos plásticos em cena.

Hall of Mirrors teve êxito. Foi primeiro lugar no Festival de Dança de Joinville e no Encontro Nacional de Dança (Enda), nas edições desses eventos em 1987. Coreografia criada em 1986, não para os grupos nos quais Eva atuava diretamente, mas para o Grupo de Dança da Universidade Federal do Paraná, dirigido por Rafael Pacheco. Em Porto Alegre, em 1991, remonta *Hall of Mirrors* para sua companhia, a Ânima Cia. de Dança. Em 1994, a coreografia é remontada também pela bailarina e coreógrafa Luciana Paludo e por seu grupo – o Balé do Insa, de São Luiz Gonzaga, no interior do Rio Grande do Sul. Em 2010, é uma das coreografias presentes no projeto Dar Carne à Memória, que recria obras emblemáticas da trajetória de Eva Schul. *Hall of Mirrors* já foi dançada por diferentes intérpretes, em diferentes contextos, sendo parte do repertório da dança contemporânea brasileira. Quando nos referimos ao repertório, compreendemos não somente as obras criadas por uma coreógrafa, mas também os procedimentos técnicos, criativos e pedagógicos que sustentam os processos de realização dessas obras e que se multiplicam e se potencializam em cada pessoa que participa de um ou de todos os momentos desses processos.

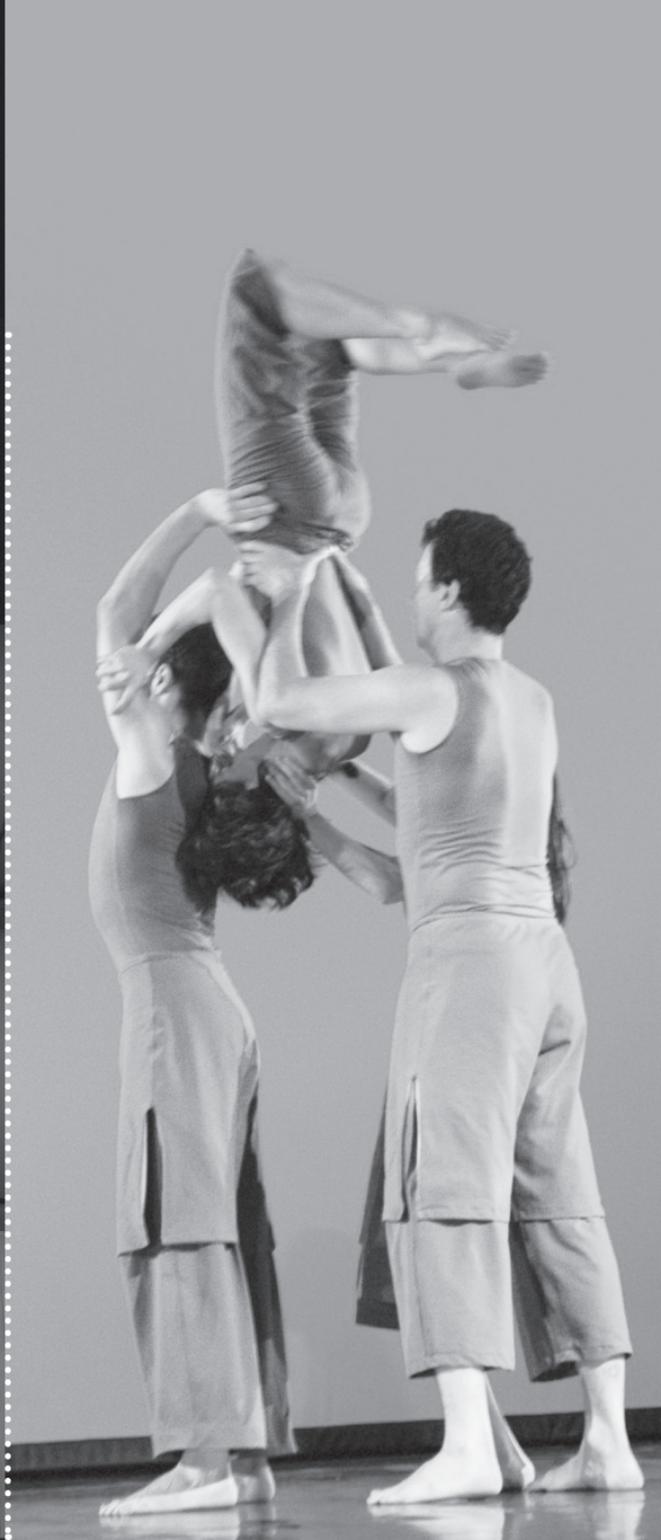
Compreendendo poética como o conjunto de referências de que se servem os artistas para realizar suas obras, consideramos, então, que a obra e a trajetória de Eva Schul instauram uma poética própria à coreógrafa, que se realiza a partir de diferentes ações poéticas. Embora existam alguns procedimentos mais ou menos constantes para a criação de suas coreografias, cada obra emprega modos operatórios específicos. A ação poética se dá, então, no jogo entre o que já existe, o que já está mais ou menos estabelecido como modo de criar e o que a coreógrafa deseja, persegue e inventa em cada criação.

Enfim, um aspecto importante da poética de Eva refere-se, justamente, às aulas de dança. Desde o início da sua trajetória, os trabalhos como professora e como coreógrafa são complementares, e as aulas são importantes referências durante os processos de criação coreográfica, pois se tornam parte do repertório técnico dos bailarinos, estabelecendo um terreno em comum para as improvisações e composições de movimento realizadas pelos intérpretes. Mesmo compreendendo a importância de estabelecer esse terreno em comum, as aulas não têm por função uniformizar os corpos para responderem de modo semelhante às demandas da criação coreográfica. Na concepção de Eva, a técnica não pode ser limitada à proficiência na realização de passos e figuras de dança; deve incluir improvisação, criatividade e habilidades de coreografia e performance. Desse modo, Eva compara a aprendizagem da dança ao estudo de uma linguagem, que permite a apropriação profunda da experiência do movimento. Sua abordagem técnica e pedagógica se modifica ao longo do tempo, entretanto, mantendo como cerne a corporificação dos conceitos de não esforço e de fluxo do movimento, pela utilização da respiração como suporte do

corpo movente, pela eliminação dos esforços desnecessários e pela atenção à inicialização do movimento e seu percurso e projeção no corpo e no espaço. O objetivo é a formação de um corpo disponível, apto para a criação e interpretação num registro de largo espectro.

No início dos anos 1990, quando retorna para Porto Alegre, onde cria a Ânima Companhia de Dança, já citada, e monta obras como *Estórias Para Surdos* (1991), *O Convidado* (1993), *Fio Partido* (1993), *Ser Animal* (1993), *Caixa de Ilusões* (1994), *Tons* (1994), *Discreto Charme* (1995), *Dança da Dúvida* (1997), *De Um a Cinco* (2001), *Salamanca do Jarau* (2002), *Catch ou Como Segurar um Instante* (2003), *Na Quina do Tempo* (2006) e *Tão Longe, Tão Perto, Tão Perto, Tão...* (2007). Em 2010, o projeto *Dar Carne à Memória* propõe a recriação de parte do repertório coreográfico de Eva Schul. Em 2012, a Ânima Companhia de Dança estreia *Vestido Como Parece*, adaptação em dança da obra de Nelson Rodrigues (1912-1980), dirigida por Eva.

Na Ânima Cia. de Dança, Eva reúne bailarinos com formações diversas, alguns com reconhecida trajetória em dança, outros com formação em teatro, circo ou outras práticas corporais. Nesse ambiente, Eva retoma e aprofunda uma das características do seu trabalho: a participação intensa dos bailarinos nos processos de criação, compartilhando essa tarefa com a coreógrafa. Retoma também uma prática que lhe é cara: a trilha sonora criada especialmente para as coreografias. Tal é o caso de *O Convidado* e *Ser Animal*, com trilhas compostas por Antonio Villeroy; e *Caixa de Ilusões*, por Villeroy e Ricardo Severo. Ou, ainda, *Catch ou Como Segurar um Instante* e *Vestido Como Parece*, com trilha de Celau Moreira; ou *De Um a Cinco*, em parceria com Guenther Andreas.



Os trabalhos criados desde então se diversificam a partir dos temas abordados. Alguns se inspiram em obras literárias: *Caixa de Ilusões em O Balcão*, peça de 1956 de Jean Genet (1910-1986); *Salamanca do Jarau* no texto homônimo de Simões Lopes Neto (1865-1916), publicado pela primeira vez em 1913; e *Vestido Como Parece*, já dissemos, na obra de Nelson Rodrigues. Outros, a exemplo de *Catch ou Como Segurar um Instante*, buscam nos princípios do corpo em movimento e nas suas relações com o espaço o mote para sua criação. Em todos os casos, a criação se inicia pela pesquisa e documentação sobre o tema a abordar. Trata-se, em primeiro lugar, de recolher informações pertinentes sobre o assunto. Logo em seguida, ou quase ao mesmo tempo, começam a ser definidos os temas para improvisação. Os bailarinos trabalham sós, em duplas ou em pequenos grupos e selecionam material para apresentar à coreógrafa. As sequências coreográficas, cenas, ambientes vão se organizando. Concomitantemente, vai se esmiuçando a ideia musical, em colaboração com o compositor; e o desenho de luz, com um dos seus parceiros iluminadores. Eva considera que, com base nesses procedimentos, seu papel como coreógrafa-diretora é indicar os caminhos das pesquisas práticas e conduzir a um resultado que possibilite a realização de um diálogo com o público. Ademais, desde suas primeiras coreografias, Eva preocupa-se em propor uma troca efetiva com os espectadores.

Ao observarmos suas produções dos últimos dez anos, vemos que nelas se acentuam algumas características da dança contemporânea e da dança pós-moderna, tais como uma temporalidade e narrativas não lineares e um trabalho com planos simultâneos. Em cada obra, ressalta-se a importância do







desenvolvimento de um conceito pelo que Eva chama de discurso corporal. Além disso, a técnica de dança é utilizada a serviço da ideia, assim como o são os demais elementos que se articulam em função desse conceito. Outra característica que vem se tornando mais presente no seu trabalho é o diálogo com a plateia, que se intensifica com a opção de cada vez mais levar as produções para espaços diferentes do palco italiano.

Outro campo de atuação de Eva tem sido a gestão. Em 1995, é coordenadora de Dança do Instituto Estadual de Artes Cênicas do Rio Grande do Sul (IEACen), vindo a assumir a direção do Instituto de 1997 a 1999. De 2003 a 2005, volta a dirigir o IEACen. Nas suas gestões, buscou democratizar o acesso aos meios e processos de criação e de difusão das produções cênicas no estado. Compreendendo que os trânsitos e encontros são fundamentais para a prática artística, procurou incentivar os intercâmbios entre artistas brasileiros e estrangeiros.

No entanto, é como artista e pedagoga que Eva continua a marcar indelevelmente o cenário da dança. Em 2006, transfere as aulas de dança contemporânea e o trabalho com a Ânima Companhia de Dança para a Sala 209 da Usina do Gasômetro, em Porto Alegre, integrando o Coletivo da Sala 209/Projeto Usina das Artes. A partir de 2007, é convidada para dar aulas de dança contemporânea e laboratórios de improvisação ao Grupo Experimental de Dança da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Continua então seu trabalho como formadora e afirma sua prática como pesquisadora, no melhor sentido que esse termo possa ter para a dança. Mediante um estudo minucioso do corpo em movimento e a disseminação da improvisação como ferramenta de

composição coreográfica e/ou como modo de levar a dança para a cena, Eva faz do seu corpo e do corpo dos seus estudantes território de investigação para a criação coreográfica.

Do mesmo modo, Eva prossegue na constituição de ambientes voltados para a prática e a difusão da dança e da arte contemporânea, como a Ânima Companhia de Dança, o Centro de Terapia Corporal e Dança (o Coda) e o Coletivo da Sala 209. Tão importante quanto destacar a relevância da obra de Eva Schul é sublinhar ainda que esses ambientes têm permitido o surgimento e o amadurecimento de artistas cujas obras, ações e projetos vêm se constituindo em referenciais para a dança atual. Eva reconhece isso e diz orgulhar-se de ter formado gerações de artistas que estão desempenhando um papel importante na dança. Para ela, sua produção coreográfica tem valor na medida em que alimenta a criação coletiva e ensina os bailarinos a reinventarem a si mesmos e à própria dança.

Por Mônica Dantas

Mônica Dantas é professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em estudos e práticas artísticas pela Universidade de Québec, em Montreal (Canadá). É bailarina de dança contemporânea.

Eva Schul | Cronologia

1948 Em 3 de fevereiro de 1948, num campo de refugiados de guerra na província italiana de Cremona, nasce Eva Schul. É filha de Melinda Weiss Hirsch de Schul e Nicolas Schul Filip;

1956 A família chega ao Brasil e estabelece-se no Sul, em Porto Alegre, onde Eva começa a estudar balé com Maria Julia da Rocha (1956-1964);

1960 Participa do 1º Congresso de Dança Clássica do Brasil, em Curitiba, quando tem seu primeiro contato com a dança moderna;

1962 Viaja para Buenos Aires para participar de curso de dança moderna com as professoras e coreógrafas Renate Schottelius (1921-1998) e Ana Itelmann (1927-1987). Durante dois anos, pelas mãos de Renate, trabalha a técnica de Martha Graham (1894 -1991);

1963 Forma-se como artista de dança pela Escola de Artes Landes, em Porto Alegre;

1964 Começa a frequentar o curso de dança clássica da Landes. No mesmo ano, muda-se para os Estados Unidos para estagiar no New York City Ballet, e fica lá um ano;

1965 De volta a Porto Alegre, torna-se professora, diretora coreógrafa e solista do Grupo de Dança Moderna Landes e da Escola de Artes Landes, até 1973. Neste período cria um laboratório de dança que anos mais tarde dá origem ao Grupo Mudança;

1967 Inicia o curso de desenho e gravura, no Ateliê Livre da Prefeitura de Porto Alegre, e o curso de graduação em artes plásticas, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que, um ano antes da conclusão, abandona para se dedicar à dança;

1970 Participa do curso intensivo de revisão do Programa Oficial de Dança Clássica;

1972 Parte para o Uruguai, onde tem aulas de dança moderna com a professora, bailarina e coreógrafa uruguaia Elsa Vallarino. No mesmo ano, em Porto Alegre, ministra aulas de artes no Colégio Israelita Brasileiro;

1973 Em Porto Alegre, ministra aula de dança contemporânea. Torna-se professora, diretora, coreógrafa e solista do Grupo de Dança Moderna Landes. Para esse grupo coreografa *A Um Morto*;

1948 - Nasce Eva Schul

1965 - Solista do Grupo de Dança Moderna Landes



1974 Ocupa a função de ilustradora de livros e apostilas no Centro Técnico do Estado do Rio Grande do Sul e de audiovisualista na Televisão Educativa (TVE);

1975 Faz o curso de dança contemporânea, composição e improvisação no Nikolais/Louis Dance Theatre Lab, com Alwin Nikolais (1910-1993), Hanya Holm (1893-1992), Murray Louis e outros. Em Porto Alegre, entre outros trabalhos, coreografa *Dia das Mães* e *Convite à Arte*, para a TVE; *Século XX*, para o Grupo de Dança Landes e a TVE; e *Exercícios de Solidão e Cânticos de Esperança, Réquiem, Forma e Ritmos, A Praga, Pigmalião e Bachianas*, para o Grupo de Dança Landes;

1976 Cria o Espaço e o Grupo Mudança, em Porto Alegre, onde atua como diretora, coreógrafa e bailarina. Em Nova York, participa de diversos cursos, como o de dança contemporânea no Martha Graham Center of Contemporary Dance; o de improvisação com Phyllis Lamhut; e o de dança contemporânea com Judy Lasko, Lenore Latimer (1935-2012), Merce Cunningham (1919-2009), Bill Groves e Julie Bryan, entre outros. Vai para a Inglaterra para fazer com Tom Hudson o primeiro curso de criatividade-educação-tecnologia. Coreografa *Sublime Canção, Armadilha e Álea*, para o Grupo de Dança Landes; *O Mágico de Oz*, para os alunos do clube Sapt, em Torres; e *Movete al Mio Bello Suono – Camerata*, com a Orquestra da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS);

1977 Em Nova York faz o curso de euritmica com John Coleman; de balé com Zena Rommett; e de movimento para a performance artística com James Penrod. No Uruguai faz com Inês Sfeir o curso intensivo de Ginástica Consciente. Coreografa *Um Berro Gaúcho* para o Grupo Mudança;

1978 Vai ao Uruguai para participar de curso de dança, expressão e técnicas coreográficas com Hebe Rosa e de dança criativa e movimentação com Elisabeth Bauch. Em Porto Alegre, faz o curso de dança clássica com Tony Seitz Petzhold (1914-2000) Com o diretor Antônio Carlos Kraide, monta o musical *Os Saltimbancos*. Também coreografa *Metamorfose* para o Grupo Mudança;

1979 No Brasil, frequenta as aulas de jazz de Lennie Dale (1934-1994), no Rio de Janeiro, e de Luis Fernando Sayão, em Porto Alegre. Vai para Washington, Estados Unidos, para participar do Dance Project Christmas, com Jan Van Dyke. Na Argentina, faz o curso de dança clássica com Mabel Silvera. Em Porto Alegre, passa a frequentar o curso de dança moderna de Cecy Frank (1924-2000). Coreografa *Alice* para o Grupo Mudança;

1980 Em Nova York, participa do curso de Fundamentos Bartenieff no Laban Institute of Movement Studies, com Irmgard Bartenieff (1890-1981). Em Curitiba, obtém junto ao

1965 - Grupo Mudança



1977 - Um Berro Gaúcho



Ministério do Trabalho o título de coreógrafa e, a convite de Marcelo Marchioro, então diretor do Teatro Guaíra, passa a ensinar na Escola de Dança e no Curso Livre de Teatro da Fundação Teatro Guaíra (FTG). Se torna diretora e coreógrafa do grupo FTG/PUC;

1982 Em Curitiba, frequenta o curso de atualização de Técnica de Dança Clássica de Tony Abbott. Em Nova York tem aulas de dança contemporânea estilo Limón com Clyde Morgan e Cláudia Melrose;

1983 Torna-se professora de dança contemporânea do corpo de baile da FTG, trabalho que seguirá até 1987, além de ensinar e coreografar para a União dos Artistas Contemporâneos do Paraná e o Studio Rita Pavão (Curitiba). Para a Companhia de Dança de Curitiba, cria as coreografias *Ecos do Silêncio* (premiada em 1985 no III Festival de Dança de Joinville), *Candomblé* e *Dois*. Ministra curso de Técnica de Dança Moderna na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e no Centro de Artes e Ofícios (Curitiba - PR);

1984 Cria junto com outros profissionais de diversas áreas os Cursos Superiores de Dança e Teatro da Fundação Teatro Guaíra em convênio com a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/RS), tornando-se, durante quase sete anos, responsável por várias disciplinas nesses cursos. Torna-se diretora e coreógrafa do Grupo de Dança da FTG/PUC e coreografa também para o Grupo independente do Curso Superior de Dança. Recebe o Prêmio Honra ao Mérito da Fundação Teatro Guaíra. Cria *Cantigas para Ninar Gente Grande*;

1985 Coreografa *Reflexos do Espelho* e *Limites da Ilusão*, para o grupo de dança da FTG; *Mosaicos* e *Happening*, para a Companhia de Dança de Curitiba; e *O Afogado Mais Bonito do Mundo*, para a União dos Artistas Contemporâneos de Curitiba. Ministra oficina de expressão corporal em Palmeiras (PR) e curso de reciclagem da improvisação no curso superior de dança da PUC-PR;

1986 Cria *Joplin Blues*, para o FTG; e *Hall of Mirrors*, para o Grupo de Dança da Universidade Federal do Paraná. Ambas as coreografias premiadas no V Festival de Dança de Joinville;

1987 Na Universidade Federal da Bahia, faz curso de dança afro-brasileira com Rosângela Silvestre e curso de conscientização do movimento e jogos corporais com Angel Vianna. Para o FTG, cria *Ária*, *Ânima* e *Pantanal*. Essa última premiada no VI Festival de Dança de Joinville;

1988 Recebe do Ministério da Educação e da Faculdade de Dança da PUC-PR a titulação "notório saber". De volta a Nova York, faz curso de técnica de dança moderna, composição

1983 - *Ecos do Silêncio*

1987 - *Pantanal*



coreográfica e improvisação, com Claudia Gitelman (1936-2012); de técnica de dança moderna, composição coreográfica e improvisação, com Kim Arrow; e de Fundamentos Bartenieff, com Kristi Spessard, no Laban Institute. Para o FTG cria *Mulher Objeto de Cama, Mesa e Stevia* e *Tiro Liro Livre*;

1989 Continua dirigindo e coreografando para o FTG, fazendo-o até 1990. Para esse grupo, coreografa *Não Sei Se Vou ou Se Fico, Geométrica, Interiores, Reflexos* e *E Agora Como É que Fica?*; e para o Grupo de Dança de Uberlândia (MG), *Espaços III*;

1990 Torna-se assessora-diretora de Dança do Instituto Estadual de Artes Cênicas (IEACen) da Secretaria de Estado da Cultura (RS). Cria *Fronteiras*, para o Grupo de Dança de Uberlândia; *Olhos Fechados Prendem o Tempo num Sorriso* e *Vive la Différence*, para o FTG; e *Mater Filis*, para o Grupo de Dança Desterro (Florianópolis). Pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, participa do Projeto de Pesquisa para o Desenvolvimento, Evolução e Aprimoramento da Dança no Rio Grande do Sul Florianópolis, e cria *Canções* para o Álea Grupo de Danças;

1991 Cria, dirige e coreografa a Ânima Cia. de Dança. Seu primeiro trabalho para a companhia é *Estórias Para Surdos*. É premiada no XI Festival de Dança de Joinville por *Canção da Experiência*;

1993 Torna-se professora de dança moderna da Academia Sal da Terra (Porto Alegre), permanecendo no cargo até meados de 1997. Para a Ânima Cia. de Dança coreografa *Panos, O Fio Partido, Ser Animal* e *O Convidado* (Oficina Nacional de Dança Contemporânea de Salvador). Leva o Troféu Scalp de Melhor Espetáculo e Personalidade da Dança;

1994 Para a Ânima Cia. de Dança coreografa *Caixa de Ilusões, Tons, Vivências* e *Tchicabum*;

1995 É coordenadora de Dança do Instituto Estadual de Artes Cênicas (IEACen) da Secretaria de Estado da Cultura (RS), ocupando esse cargo até 1996. Para a Ânima Cia. de Dança, cria *Discreto Charme* (Mostra de Dança de Florianópolis) e *Tecelagem*. Por *Caixa de Ilusões*, leva o prêmio Açorianos de melhor cenário e música;

1996 Recebe do Centro Cultural Guaíra o prêmio Honra ao Mérito e leva pelo conjunto da obra o prêmio Estímulo Funarte. Ministra palestra no evento Dança Alegre Alegrete (Alegrete, RS); e participa do júri no Novo Hamburgo Dance Festival (RS);

1989 - *Geométrica*

1994 - *Tons*



1997 Torna-se diretora de Dança do Instituto Estadual de Artes Cênicas (IEACen) da Secretaria de Estado da Cultura (RS), até 1999. É jurada do prêmio Mambembe, da Funarte, e do festival Santa Maria em Dança. Para a Ânima Cia. de Dança, cria *Rush*, *Ritos e Dança da Dívida*. Ministra curso de férias na Academia Inara Reis, em Passo Fundo (RS);

1998 No Uruguai, é jurada do Festival y Certamen de Danza Ciudad de Montevideo. Em Nova York frequenta outros cursos, dentre eles o de Método Feldenkrais, com Michael Krugman; o de Physioball, com Lesley Powell; o de extensão e alinhamento, com Susan Klein; o de dança contemporânea, com Barbara Mahler; e o de *Direct Position – Técnica Ergonômica de Movimento*, com Joel Kendall. É representante do Ministério da Cultura para a criação do Plano Nacional das Profissões em Dança. Para a Ânima Cia. de Dança, monta *Missa Crioula*, entre outros trabalhos;

1999 Em Porto Alegre, torna-se diretora, professora e terapeuta no Centro de Terapia Corporal e Dança Eva Schul, em atividade que se estenderá até 2008. Para a Ânima Cia. de Dança, coreografa *Pampeando e Qualquer Maneira de Amor Vale a Pena*;

2000 Coreografa *Haja o Que Houver e Relações-Fragmento*, para a Ânima Cia. de Dança; e *Três Segredos Interiores*, para a Cia. Municipal de Caxias do Sul. Na capital paulista, ministra no Centro Cultural São Paulo e no Balé da Cidade de São Paulo o workshop O Feminino na Dança;

2001 Para a Ânima Cia. de Dança, coreografa *Relações ou Reais Ações* (que recebe da Funarte o prêmio Klaus Vianna) e *De Um a Cinco*;

2002 Para a Ânima Cia. de Dança, coreografa *Na Quina do Tempo e Salamanca do Jarau*, que recebe da Funarte o Prêmio Klaus Vianna;

2003 Volta a ocupar o cargo de diretora de Dança do Instituto Estadual de Artes Cênicas (IEACen) da Secretaria de Estado da Cultura (RS), até 2005. Para a Ânima Cia. de Dança, cria *Catch ou Como Segurar um Instante*, com a participação da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre;

2004 É convidada pelo governo da Alemanha a participar da Internationale Tanzmesse NRW (Düsseldorf). Para a Ânima Cia. de Dança, cria *Ponte de Pedra do Largo dos Açorianos – Movimentos Incessantes*;

2006 Passa a dar aulas de dança contemporânea na Sala 209 da Usina do Gasômetro, dentro do Projeto Usina das Artes, para onde também transfere seu trabalho com o Ânima Companhia

2001 - *De um a Cinco*

2002 - *Salamanca de Jarau*



de Dança. Publica “Um olhar fugaz sobre o gesto efêmero da dança contemporânea brasileira”, no volume “Porto Alegre, Brasil Contemporâneo: crônicas de um país incógnito editado pela Artes e Ofícios de Porto Alegre”, organizado por Fernando Schuler e Gunter Axt;

2007 É convidada para dar aulas de dança contemporânea e laboratório de improvisação no Grupo Experimental de Dança da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, criado neste mesmo ano para a Ânima Cia. de Dança, 1, 2, 3 na Mostra Movimento e Palavra da Usina do Gasômetro (Porto Alegre). Por *Quina do Tempo*, criada em 2006, leva o prêmio Açorianos de melhor coreografia. Para a Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, ministra as oficinas Descentralização da Cultura;

2008 Torna-se professora na Cia. Municipal de Caxias do Sul (até 2009). Com base na coreografia 1, 2, 3, cria para a Ânima Cia. de Dança *Tão Longe, Tão Perto*, que recebe da Funarte o prêmio Klaus Vianna. Coreografa *Tatuagens*;

2010 Professora da Cia. Municipal de São Leopoldo (RS). É homenageada no projeto Dar Carne à Memória;

2012 Coreografa *Voar É Com os Pássaros*, para a Mimese Cia. de Dança-Coisa; e *Vestido Como Parece*, para a Ânima Cia. de Dança. Publica com Mônica Dantas “Histórias da Dança – Apontamentos para uma Reflexão Sobre a Dança Contemporânea ao Sul do Brasil”, a partir do Projeto Dar Carne à Memória, no volume História da Dança, organizado por Sandra Xavier e Vera Torres. Participa de workshops na Cia. Jovem do Palácio das Artes (Belo Horizonte) e em Rio Branco (AC) e Uberlândia (MG). Ministra a palestra Modos de Existir – Módulos Coletivos no Sesc Santo Amaro (São Paulo);

2013 Continua atuando como professora, coreografa e diretora da Ânima Companhia de Dança e como professora no Grupo Experimental de Dança da Prefeitura Municipal de Dança. E atua também no projeto da descentralização da cultura do Município de Porto Alegre.

Cronologia por Rodrigo Fontanari

Rodrigo Fontanari é publicitário. Mestre e doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

Hall of the Mirrors, de Eva Schul, 1986 (foto: Acervo pessoal) >>

2003 - Catch ou Como Segurar um Instante

2012 - Vestido Como Parece







Para Saber Mais

Sites

http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CCwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fsatedrs.org.br%2Fentrevistas%2F%3Fid%3D5&ei=HqLIUZ22J7G34APGwYHIDw&usq=AFQjCNEhYrcaNPVcXju0HWhEyu1KfurqiA&sig2=171k4_dfa4pNrhRUucWsw&bvm=bv.48705608,d.dmg

<http://wp.clicrbs.com.br/quartaparede/2010/06/20/o-novo-comeco-de-eva-schul/>

<http://taotaodanca.com/eva-schul-fala-sobre-a-experiencia-de-dirigir-tao-longe-tao-perto-tao-perto-tao/>

<http://seer.ufrgs.br/cena/article/view/28264>

<http://poaemcena.blogspot.com.br/2010/09/normal-0-21-false-false-false-pt-br-x.html>

Vídeos

<http://www.youtube.com/watch?v=cQk7cSx5YoY>

<http://www.youtube.com/watch?v=GgVbURCfeMw>

http://www.youtube.com/watch?v=CVdPdET'Z_hs

<http://www.youtube.com/watch?v=56Br0CXBjSA>

http://www.youtube.com/watch?v=B_WJeJSSYFE

Livro

Brasil Contemporâneo: crônicas de um país incógnito, de Gunter Axt e Fernando Schuler (orgs.). 1. Editora Artes e Ofícios, Porto Alegre, 2006.





Um Berro Gaúcho (1977)



Alice (1979)



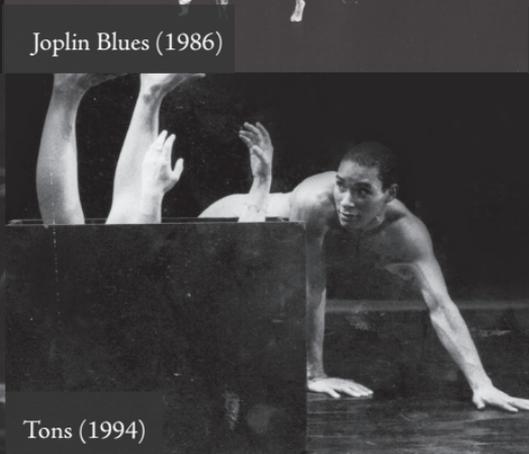
Hall of the Mirrors (1986)



Joplin Blues (1986)



O Convidado (1993)



Tons (1994)



Salamanca de Jauru (2002)



Catch ou Como Segurar um Instante (2003)



Cantiga para Ninar Gente Grande (1984)



Ecos do Silêncio (1985)



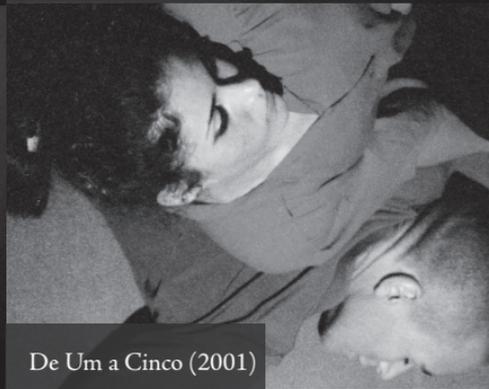
Pantanal (1987)



Fio Partido (1993)



Caixa de Ilusões (1995)



De Um a Cinco (2001)



Na Quina do Tempo (2007)



Vestido como Parece (2012)



SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA

DIREÇÃO ARTÍSTICA | INÊS BOGÉA

É uma companhia que dança de ponta a ponta, seja pelo variado repertório, que vai do clássico ao contemporâneo; seja pela diversidade dos programas, que abrangem Produção Artística e Circulação de Espetáculos; Programas Educativos e de Formação de Plateia; e Programas de Registro e Memória da Dança. Criada pelo Governo do Estado de São Paulo em 2008, a SPCD, dirigida por Inês Bogéa, busca uma conexão com a plateia pela paixão, curiosidade e percepção do mundo da dança em movimento.

Desde que foi criada produziu 29 coreografias, realizou mais de 390 espetáculos e foi vista por 340 mil pessoas. A SPCD também produziu mais de 30 documentários sobre dança e publicou cinco livros de ensaios.

São Paulo Companhia de Dança | Rua Três Rios, 363 - 1º andar
| Tel: 11 3224 1380 | Bom Retiro, São Paulo SP



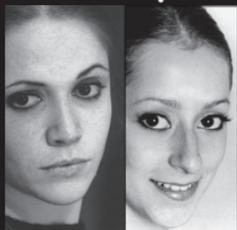
2012



2013



2011



2010



2009



2008



Figuras da Dança

A dança tem muitas histórias, e para revelar um pouco delas a Companhia criou a série de documentários *Figuras da Dança* que traz para você essa arte contada por quem a viveu. A série conta com 26 episódios: Ady Addor, Ismael Guiser (1927-2008), Ivonice Satie (1950-2008), Marilena Ansaldi, Penha de Souza, Antonio Carlos Cardoso, Hulda Bittencourt, Luis Arrieta, Ruth Rachou, Tatiana Leskova, Angel Vianna, Carlos Moraes, Márcia Haydée, Décio Otero, Sônia Mota, Célia Gouvêa, Ana Borafofo, Ismael Ivo, Lia Robatto, Marilene Martins, Edson Claro (1949-2013), Hugo Travers, Janice Vieira, Cecília Kerche, J.C. Viola e Eva Schul.

A série teve codireção de Inês Bogéa e Antônio Carlos Rebescó (2008), Sérgio Roizenblit (2009), Moira Toledo (2010) e direção de Inês Bogéa (2011 a 2013).



EVA SCHUL



SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GERALDO ALCKMIN
GOVERNADOR DO ESTADO

MARCELO MATTOS ARAUJO
SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA

MARIA THERESA BOSI DE
MAGALHÃES
COORDENADORA DA UNIDADE DE FOMENTO E
DIFUSÃO DA PRODUÇÃO CULTURAL

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
ASSOCIAÇÃO PRÓ-DANÇA

SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA

DIREÇÃO
INÊS BOGÉA

SUPERINTENDÊNCIA
LUCAL BALDOVINO | JOSÉ GALBA DE AQUINO

ENSAIO
COORDENADORA E ENSAIADORA | KARINA MENDES
PROFESSORA E ENSAIADORA | ILARA FERREIRA LOPES
PROFESSOR | JOSÉ RICARDO TOMASELLI
ASSISTENTES DE ENSAIO | BEATRIZ HACK | DUDA BRAZ
BAILARINOS | ACAAÔ DE CASTRO, ALINE CAMPOS, AMMANDA
ROSA, ANA PAULA CAMARGO, ANA ROBERTA TEIXEIRA, ANDRÉ
GRIPPI, ARTEMIS BASTOS, BEATRIZ HACK, BINHO PACHECO,
BRUNO VELOSO, DANIEL RECA, DANYLA BEZERRA, DIEGO DE
PAULA, DUDA BRAZ, EMANUEL ABRUZZO, FABIANA IKEHARA,
FELIPE CAMAROTTO, FLÁVIO EVERTON DA CONCEIÇÃO,
GEIVISON MOREIRA, ISABELA MAYLART, JOCA ANTUNES,
KARINA MOREIRA, LEONY BONI, LETÍCIA MARTINS, LOUIZ
PERAZZELLI RODRIGUES, LUCAS AXEL, LUCAS VALENTE,
LÚCIO KALBUSCH, LUIZA DEL RIO, LUIZA LOPES, LUIZA
YUK, MICHELLE MOLINA, MORGANA CAPPELLARI, MURILO
GABRIEL, NIELSON SOUZA, OLÍVIA PUREZA, PAMELA
VALIM, PILAR GIRALDO, RAFAEL GOMES, ROBERTA BUSSONI,
RODOLFO SARAIVA, THAÍ DE ASSIS, THAMIRIS PRATA,
VINÍCIUS VIEIRA, YOSHI SUZUKI
PIANISTA | ROSELY CHAMMA
AUXILIARES DE ENSAIO | ISADORA FATIGATI BATTIATO |
ANDRÉIA LAZZARI CHIOVATTO
ESTAGIÁRIOS | GIOVANNA SARTORI PEREIRA | KARINA DA
SILVA PESSOA FIRME

Créditos do livro

Projeto gráfico: Mayumi Okuyama | Diagramação: Janaina Seolin | Fotografias da cronologia: Acervo pessoal | Revisão de textos:
Mario Vilela

< *Eva Schul* (fotos: Acervo pessoal)

[contracapa] *Eva Schul* (foto: Acervo pessoal) >>

PRODUÇÃO

COORDENADOR | ANTONIO MAGNOLER
ENCARREGADO DE PALCO | LUIZ ANTÔNIO DIAS
PRODUTOR | MARCIO BRANCO
PRODUTOR TÉCNICO | LUIZ ALEX TASSO
MAQUINISTA | THIAGO MERIJ
ILUMINADORES | GUILHERME PATERNO | SUELI MATSUZAKI
TÉCNICO DE SOM | SÉRGIO PAES
AUXILIAR ADMINISTRATIVO DE PRODUÇÃO | ANDRÉ SOUZA
CAMAREIRAS | ELIZABETE ROQUE | VERA LÚCIA PEREIRA

EDUCATIVO, MEMÓRIA E COMUNICAÇÃO

COORDENADORA | MARCELA BENVENUGO
ASSESSOR DE AUDIOVISUAL | CHARLES LIMA
ASSISTENTES DE EDUCATIVO | BRUNO CEZAR ALVES | CLÁUDIA
TRENTO
ASSISTENTES DE COMUNICAÇÃO | PAULA QUARESMA FREITAS |
THIAGO AUGUSTO DE SOUZA
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO | ANA LUIZA BRÓLIO DE PAULA
ASSISTENTE AUDIOVISUAL | CARLOS YAMAMOTO
DIAGRAMADORA | JANAINA SEOLIN
ESTAGIÁRIOS | ERIKA MUNIZ | PAULA MONTINGELLI CEZAR |
CAROLINE PUZONI SILVA

ADMINISTRAÇÃO

COORDENADOR | MARCIO TANNO
CONTROLLER | ALEXANDRE AUGUSTO DOS SANTOS
ASSESSORA ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO | CRISTIANE
AURELIANO
ASSESSOR CONTÁBIL | LUIZ ARTUR ROZIN
SECRETÁRIA DE DIREÇÃO | MORGANA LIMA
ANALISTA DE TI | MARCO AURÉLIO PITON
ANALISTA ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO | EDUARDO
BERNARDES DA SILVA
ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO | CARLOS SOARES
ASSISTENTE CONTÁBIL | DIEGO MENDES MARTINS
ASSISTENTE DE TI | CÉSAR HENRIQUE CRUZ DA SILVA
ARQUIVISTA | MARIA FERNANDA FREITAS
ALMOXARIFE | GUILHERME DE SOUZA
RECEPCIONISTA | EVANGELINA MELO
AUXILIAR DE DEPARTAMENTO DE PESSOAL | GERSON DE
CARVALHO ALVICO
AUXILIARES ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO | FELIPE GOZZI
FIGUEIREDO | JEFERSON DE SOUZA DIAS
AUXILIARES DE SERVIÇOS GERAIS | EDMILSON EVANGELISTA
DOS SANTOS | NEIDE DOS SANTOS NERY | ANÁLIA PEREIRA DE
BRITO
APRENDIZES | ANA CAROLINA FLORÊNCIO NOGUEIRA | MARCUS
VINÍCIUS ROCHA PRATES

COLABORADORES

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO | EDELMAN SIGNIFICA
CONSULTORIA JURÍDICA | MANNRICH, SENRA E VASCONCELOS
ADVOGADOS | BARBOSA E SPALDING ADVOGADOS
CONSULTOR ARTÍSTICO | GUY DARMET
CONTRATOS INTERNACIONAIS | OLIVIERI ASSOCIADOS
CONTABILIDADE | ESCRITÓRIO CONTÁBIL DOM BOSCO
FORNECEDOR EXCLUSIVO DE SAPATILHAS | CAPEZIO
SERVIÇOS DE FISIOTERAPIA | VITACARE
WEBSITE | VAD – PROJETOS MULTIMÍDIA



Apoio

Fecomércio RS

sesc



procine
imagem + ideia

Centro Cultural São Paulo



Patrocínio

Itaú

Finalização



plotSET

Realização

ASSOCIAÇÃO
PRÓ-DANÇA
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA

SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA


GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA